arcos DESIGN

Entre guardar e jogar fora: práticas de acúmulo e despojamento na cultura material

Ana Claudia Camila Veiga de França (UTFPR, Brasil)
oianafranca@gmail.com

Arcos Design
Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, Julho 2023, pp. 14-30. ISSN: 1984-5596
https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign

Entre guardar e jogar fora: práticas de acúmulo e despojamento na cultura material

Resumo: Este artigo circunscreve o seguinte argumento: práticas de acúmulo e despojamento na cultura material constituem narrativas biográficas, de pessoas e de artefatos, estabelecendo e amparando rupturas e transformações em suas trajetórias. Para sustentar este argumento me apoio em teorias do consumo e da cultura material propostas por Barbosa (2004), Miller (2007, 2013) e Stallybrass (2008), e também na análise de práticas de acúmulo e despojamento descritas em investigações sobre a cultura material, selecionadas a partir de uma revisão bibliográfica sobre a temática. Como resultado, destaco a possibilidade de compreender tais práticas como narrativas biográficas, que constituem uma economia dos relacionamentos e das memórias, uma vez que podem apoiar perdas, corporificar memórias, atualizar biografias e relacionamentos e, até mesmo, prolongar o uso de determinados artefatos. Para designers, considerar a narração destas práticas, na esteira das discussões sobre a cultura material, oferece perspectivas mais amplas sobre o mundo material e suas implicações na vida das pessoas.
Palavras-chave: Cultura material, Acúmulo, Despojamento, Narrativa biográfica.

Between keeping or throwing away: accumulation and divestment practices in material culture

Abstract: *This article circumscribes the following argument: divestment practices in material culture constitute biographical narratives, of people and artifacts, establishing and supporting ruptures and transformations in their trajectories. To support this argument, I rely on theories of consumption and material culture proposed by Barbosa (2004), Miller (2007, 2013) and Stallybrass (2008), and also on experiences of practices of accumulation and dispossession described in investigations related to material culture, selected from a literature review on the subject. As a result, I highlight the possibility of understanding such practices as biographical narratives, a constitutive part of an economy of relationships and memories, since they can support losses, embody memories, update biographies and relationships, and even prolong the use of certain artifacts. For designers, to consider those practices narratives, in dialogue with theories of material culture, offers broader perspectives on the material world and its implications for people's lives.*
Keywords: *Material culture, Accumulation, Dispossession, Biographical narrative.*

1.Introdução: cultura material e narrativa biográfica

Em Sociedade de Consumo, Lívia Barbosa (2004)[1] delineia um mapa de teorias sobre o consumo, identificando duas rotas principais de argumentação: teorias sobre a sociedade de consumo e teorias sobre a cultura de consumo. Associo-me neste artigo à primeira perspectiva, que pressupõe o consumo como chave para a compreensão de processos sociais e culturais, capaz de apoiar investigações sobre como a cultura material integra a intersubjetividade humana (BARBOSA, 2004). Mais especificamente, interessa-me analisar como algumas práticas de despojamento na cultura material podem constituir narrativas biográficas.

Com a expressão "narrativa biográfica", de modo amplo, refiro-me à narração de eventos significativos da vida de uma pessoa. Como explica Carlos Reis (2018, p. 46), "a biografia reelabora, no discurso, uma temporalidade pessoal e histórica normalmente alargada", o que exige a escolha ou a supressão de determinados acontecimentos. Enquanto alguns eventos são descritos de modo longo e minucioso, outras experiências são reduzidas ou obliteradas. A história de vida de uma pessoa é, portanto, sempre contada de modo parcial.

Segundo Reis (2018) a biografia possui afinidades com gêneros como a fotobiografia, "que conjuga elementos biográficos com imagens fotográficas". Neste trabalho, de modo mais específico, argumento que a dimensão biográfica – comumente associada a fotografias, diários, cartas e outros documentos pessoais ou confessionais - também pode ser conjugada com outras materialidades do cotidiano. Entendo que, alguns artefatos pessoais operam como disparadores narrativos, com a possibilidade de constituir de modo significativo a narração de acontecimentos e de fragmentos da vida de quem os possui. Em especial, destaco narrativas sobre práticas de acúmulo e despojamento de artefatos em estudos sobre a cultura material.

No livro "Memória e sociedade: Lembranças de velhos", Ecléa Bosi (1994) dedica uma parte da sua análise aos espaços da memória, incluindo a casa, os objetos, e até mesmo as pedras da cidade. Bosi (1994) evoca nestas seções a materialidade da memória e das histórias de vida, e explica que objetos biográficos[2] se incorporam à vida de quem os possui, de tal modo que "penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus

1 Optei por, ao citar um(a) autor(a) pela primeira vez, citar seu nome completo, como modo de conferir no corpo do texto visibilidade à identidade de gênero das autoras e autores com quem estabeleço diálogo.

2 O conceito de "objeto biográfico" utilizado por Bosi (1994) se apoia nos estudos de Violette Morin sobre o tema.

moradores"(BOSI, 1994, p. 441). Para Bosi (1994), mesmo as coisas perdidas podem povoar a memória, e "nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele" (BOSI, 1994, 442). Na investigação de Bosi, é pelas narrativas biográficas de pessoas velhas, coletadas e apresentadas a partir de procedimentos da História Oral[3], que são contadas histórias sobre objetos guardados, perdidos ou descartados, e que incorporam a memória e a vida dos sujeitos da pesquisa.

A partir do campo antropológico, Daniel Miller (2013) afirma que práticas de acúmulo e despojamento podem amparar rupturas e transformações nas trajetórias de vida de pessoas, e parte do argumento que apresento neste trabalho foi elaborado pelo autor. Estas práticas integram experiências significativas e, pela sua importância, ganham relevo em relatos pessoais. Argumento que, se um texto biográfico reelabora discursivamente eventos pessoais (REIS, 2018), artefatos podem reelaborar estes eventos materialmente. Desse modo, busquei em estudos da cultura material, relatos sobre práticas de acúmulo e despojamento que evidenciam a relação entre artefatos e narração biográfica.

Ainda, ao considerar a relação entre artefatos e experiência no contexto dos estudos de design e da cultura material, apoio-me nas discussões de Lindsay Jemima Cresto e Marilda Lopes Pinheiro Queluz (2010). As autoras afirmam que o modo como uma pessoa usa ou interfere na função de um artefato é também "um modo de criar narrativas particulares" (CRESTO, QUELUZ; 2010, p. 118). Em "Nós e as Coisas: como re-significamos os artefatos através do uso", as autoras discutem o "consumo a partir do uso, da ressignificação e revalorização dos artefatos" (CRESTO, QUELUZ; 2010, p. 115). Cresto e Queluz (2010) argumentam que investigar o modo como as pessoas percebem e interagem com os artefatos é indispensável para estudos e projetos de design. Para sustentar este argumento, as autoras apresentam práticas de reuso e desvio de função no design pós-segunda guerra, destacando

3 A História Oral é um campo com procedimentos específicos para coleta, tratamento e apresentação de histórias de vida, privilegiando grupos subalternizados ou pessoas comuns. José Carlos Sebe Bom Meihy argumenta que os procedimentos de História Oral permitem acessar informações que não estão disponíveis em documentos ou em outras fontes de pesquisa, com a "complementação de dados e impressões que escapam à documentação escrita" (MEIHY, 2005, p. 44). Procedimentos apoiados na história oral ganharam força no âmbito da Nova História, que propõe um modo não reducionista de interpretação nos estudos historiográficos, com a possibilidade de assumir um campo de investigação mais amplo e sensível à práticas sociais do cotidiano, incluindo documentos como cartas, jornais, revistas, documentos institucionais, depoimentos orais, objetos, dentre outros (PINSKY, 2005).

a dimensão da experiência. Nesta investigação, interessa-me justamente a dimensão da experiência, do uso e da ressignificação dos artefatos, mais especificamente, em práticas de acúmulo e despojamento descritas em estudos da cultura material.

Com a palavra "despojamento" me refiro ao descarte de artefatos pessoais, mediante práticas elaboradas. Portanto, o "despojamento" é um tipo específico de descarte e talvez seja o melhor termo para caracterizar o processo de se separar de artefatos que exigem maior reflexão e cuidado e, por vezes, procedimentos mais sofisticados do que um simples saco plástico. É também o termo utilizado para especificar algumas práticas de descarte na tradução de Renato Aguiar do livro "Trecos, troços e coisas – estudos antropológicos sobre a cultura material", de Miller (2013), um texto central para as reflexões que desenvolvo neste artigo. Para analisar, não apenas práticas de despojamento, mas também de acúmulo, Miller (2013) se apoia nos estudos antropológicos da cultura material.

Para Miller (2013), a cultura material é uma disciplina pouco valorizada, mas abrangente e original, capaz de orientar a construção de políticas públicas e amparar campos estabelecidos como o design, a arquitetura e a arqueologia. Para designers, que possuem vinculações profissionais acentuadas com a produção visual e material, considerar práticas de uso e consumo, na esteira das discussões sobre a cultura material, oferece perspectivas mais amplas sobre o mundo material e suas implicações na vida das pessoas. Para Miller (2013), trecos, troços e coisas não representam, mas constituem pessoas, numa relação muito mais intensa e plural do que supõem alguns estudos semióticos e psicanalíticos, questionando a suposta divisão entre pessoas e objetos. Assim, compreender a cultura pela sua dimensão material, reconhecê-la e respeitá-la é, para Miller (2013), uma maneira de compreender as pessoas e sua humanidade intrinsecamente material.

Apesar da centralidade das práticas de aquisição em muitas investigações, práticas de acúmulo e despojamento também oferecem pistas relevantes sobre como a cultura material constitui a intersubjetividade humana. Com frequência, pessoas acumulam ou se desfazem de coisas, pelas mais variadas razões. Embora as possibilidades de aquisição e descarte sejam inúmeras, neste recorte, trato de práticas particulares de acúmulo e despojamento, atravessadas por rupturas ou transformações significativas em uma trajetória biográfica. São práticas incorporadas a situações como a mudança de moradia, o término de um relacionamento, o final de mais um ano, o luto por uma pessoa querida, um conflito afetivo ou a necessidade de uma atualização biográfica.

Para sustentar o argumento deste artigo – de que processos de acúmulo e despojamento constituem narrativas biográficas -, apresento algumas práticas descritas em estudos da cultura material, que explicitam como acúmulo e despojamento podem integrar uma economia material e simbólica dos relacionamentos e das memórias, muitas vezes, apoiando de modo indispensável processos delicados de luto, separação e mudança. Mas, antes de apresentar esses exemplos, na próxima seção estabeleço articulações sobre consumo, cultura material e a biografia das coisas.

2.Consumo, cultura material e a biografia das coisas

O consumo, além de integrar a reprodução física e social da vida humana, é uma categoria central para o estudo e compreensão das sociedades contemporâneas (BARBOSA, 2004). Para Don Slater (2002) a relação entre consumo e ocidente moderno é indissolúvel, argumentando que práticas sociais, identidades, ideias e aspirações das sociedades modernas são orientadas, em larga medida, pelo consumo. Portanto, as práticas de acúmulo e despojamento que apresento no recorte deste artigo também fazem parte deste contexto contemporâneo, no qual tem centralidade a produção, o consumo e a circulação de artefatos.

Em sua linha do tempo, Barbosa (2004, p. 19) aponta para duas mudanças significativas nos modos de consumo: "a passagem do consumo familiar para o consumo individual e a transformação do consumo de pátina para o consumo de moda". Barbosa (2004) explica que até o século XVI, o consumo foi orientado por prescrições familiares e pelas leis suntuárias. Na sociedade contemporânea, predomina a noção de consumo como um exercício de liberdade e autonomia, e como construção de identidade e estilo de vida, opondo-se com frequência a noções de tradição e continuidade. Contudo, avalio que em algumas práticas de acúmulo e despojamento, coexistem noções de continuidade e autonomia, apresentados por Barbosa (2004) como opostas ou divergentes. Guardar um brinquedo de infância e descartar outros, por exemplo, pode acomodar tanto noções prescritivas de família, quanto de identidade e autonomia. De todo modo, a leitura de Barbosa (2004) sobre as mudanças de consumo, em termos gerais e históricos, oferece subsídio para compreender alguns aspectos do contexto contemporâneo, no qual práticas de descarte e despojamento se tornaram mais frequentes, não apenas pela capilaridade da produção e circulação de artefatos, mas também por circunstâncias sociais e culturais que orientam e interferem nas práticas de consumo e descarte.

Ainda que exista o exercício de liberdade em práticas de descarte, estas decisões estão, em grande medida, norteadas pelo sistema de moda e limitadas

pelo capital econômico e cultural, uma vez que, "embora a liberdade de escolha seja um valor central da sociedade contemporânea ela não flutua em um vácuo cultural" (BARBOSA, 2004, p. 24). As práticas contemporâneas em torno consumo são, portanto, marcadas por relações de poder, circunstâncias históricas, desigualdades sociais, implicações ecológicas, negociações, conflitos e contradições.

De todo modo, no recorte e nos limites desta investigação, assumo a perspectiva de que a materialidade e, mais especificamente, o acúmulo e o despojamento de artefatos, não podem ser lidos apenas por suas implicações desfavoráveis. Segundo Barbosa (2004), no Brasil predominam pesquisas que, enfatizam o consumo como americanização do mundo, em oposição à sociabilidade e autenticidade, avaliando o consumo apenas como propulsor da competição e do individualismo. Barbosa (2004, p. 62) classifica esta perspectiva depreciativa como um registro empenhado em marcar "perdas e ausências", mais do que "enfatizar ganhos e mudanças positivas em termos de mobilidade social, aquisição de status e prestígio dos grupos sociais". Para a autora, este prisma moral e condenatório do consumo exclui relevos importantes, e muitas vezes não dá conta de sustentar seus argumentos (BARBOSA, 2004). Ainda que as discussões sobre consumo devam assumir variadas perspectivas, Miller (2007, p. 38) alerta que é preciso reconhecer, "nós vivemos num tempo no qual a maior parte do sofrimento humano é ainda o resultado direto da falta de bens".

Para discutir práticas de despojamento e descarte, também me amparo no campo que investiga a biografia dos artefatos, ou seja, que considera a trajetória social dos objetos. Artefatos, além de assumir usos não previstos ou planejados na fase de desenvolvimento e produção, podem percorrer rotas bastante inesperadas. Para Arjun Appadurai e Igor Kopytoff (2008), a mercadoria é uma das fases na vida de um artefato, uma etapa temporária ao longo de um percurso marcado por rotas, mas também desvios (APPADURAI, 2008; KOPYTOFF, 2008). Os significados dos artefatos estão, enfim, "inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias" (APPADURAI, 2008, p. 17) e, portanto, é preciso considerá-los para além da etapa de mercadoria. Kopytoff (2008) argumenta que examinar as biografias das coisas revela particularidades, processos de singularização, redefinições individuais e coletivas que, de outro modo, seriam ignoradas. Mariuze Dunajski Mendes (2012, p. 31) explica que, ao perder o valor de mercadoria, artefatos "passam a ter outros valores acionados (como emocionais) e desmercantilizados, caracterizam-se como peças singularizadas de coleção (domésticas ou de museus)". Considero, então, que o despojamento de um artefato marca um ponto de virada na sua biografia, e pode direcioná-lo para rotas

alternativas, cumprindo neste processo funções sociais que serão discutidas na seção seguinte.

É por conta destas mudanças de rota que o conceito de «desvio» também é útil para discutir práticas de descarte e despojamento. Appadurai (2008, p. 42) alerta para o seguinte: os desvios dos artefatos são tão importantes quanto as rotas que percorrem, sinais «de criatividade ou crise, seja estética ou econômica». Se, conforme argumenta o autor, desvios enriquecem biografias de objetos e constituem relações e dinâmicas sociais, processos de despojamento também apontam para momentos importantes no percurso da vida de uma pessoa, artefato ou comunidade. Na próxima seção, serão descritas e analisadas algumas práticas de acúmulo e despojamento, selecionadas a partir de uma revisão bibliográfica sobre cultura material. São histórias que sublinham o seguinte argumento: práticas de acúmulo e despojamento podem constituir trajetórias e narrativas biográficas.

3.Práticas de acúmulo e despojamento na cultura material: uma economia dos relacionamentos e das memórias

Miller (2013), no livro "Trecos, troços e coisas – estudos antropológicos sobre a cultura material", dedica um tópico inteiro à morte e parte dos exemplos que seguem, são apresentados neste trecho do livro. Como o autor, entendo que, se é necessário compreender como o acúmulo de coisas traduz relações sociais, é também importante verificar como a perda ou a transformação destas relações estão marcadas por processos de despojamento. Seguindo a proposição de Miller (2007, 2013), se os trecos nos criam, o despojamento de coisas também é capaz de nos criar, amparando perdas e mudanças.

Assim, as expressões "economia dos relacionamentos" e "economia da memória", apresentadas por Miller (2013), apoiam a minha discussão sobre como posse e descarte integram a intersubjetividade e as relações humanas. Mas o que significa uma economia dos relacionamentos ou das memórias constituída pela materialidade? Bem, não é possível guardar todos os brinquedos da infância ou todos os objetos de uma pessoa querida que faleceu. É necessário selecionar o que mantemos conosco e do que nos separamos. Alguns momentos da vida propiciam - de modo enfático - estes processos. A experiência de Dora[4] elucida este movimento: durante uma vida há coisas

4 As histórias de Dora, Nadine e Lucy, descritas nesta seção, são narradas por Daniel Miller (2013) no livro "Trecos, troços e coisas – estudos antropológicos sobre a cultura material". O autor (MILLER, 2013, p. 5) explica que o livro é composto por um exame retrospectivo de pesquisas anteriores, com foco no "relato de outras pessoas, suas práticas, cosmologias e concepções". Miller (2013, p. 6) destaca que todas essas investigações foram empreendidas

que ficam, há coisas que vão. Na casa de Dora, relacionamentos e acontecimentos passados foram enfim reduzidos a poucos objetos, e abriram caminho para outras relações e para outros momentos da sua vida:

> Fizemos um inventário de todos os objetos encontrados em sua sala de estar, e descobrimos que aquilo era um sumário de toda sua vida. Um dos objetos mais tocantes é o cofre de porquinho cor-de-rosa que ela ainda enche de moedas de 20 pennies. [...] Há apenas uma mesa, herdada de sua mãe, lembrando-a da época em que trabalhou pela primeira vez numa máquina de costura. [...] Embora Dora tenha as duas alianças dos dois casamentos, poucas posses restam do primeiro [...] Dora tem um certificado do serviço de ambulância em que se ocupou durante a guerra e uma foto do refeitório onde depois trabalhou por vinte anos, terminando com um certificado de isenção da City de Londres, onde ficava o refeitório. (MILLER, 2013, p. 177).

Uma outra experiência relatada por Miller (2013) é de uma menina, morta em um trágico incêndio no qual queimaram também suas fotografias e pertences. Nadine, mãe da menina, engajou-se então na busca de vestígios materiais da filha em outros espaços, objetos que haviam pertencido a criança e que poderiam ajudá-la a lidar com o luto. Somente depois de alguns anos e deste processo de reconstituição material é que foi possível para Nadine se desfazer dos objetos recuperados, conservando apenas um retrato na sala e uma pasta pequena. Na experiência de Nadine, a objetificação foi importante tanto para constituir a filha, quanto para suportar a separação. O acúmulo e o despojamento dos objetos da criança marcam a reconciliação com a morte e a perda, conferindo materialidade para o luto e para a ausência.

É possível que já tenhamos presenciado ou vivenciado experiências semelhantes à de Dora e de Nadine. Apesar destes exemplos soarem familiares, para Miller (2013) não há reconhecimento público ou espaço para estas práticas na vasta bibliografia sobre luto e perda. Contudo, compreender a importância dos processos de despojamento em momentos de vulnerabilidade e alterações biográficas significativas poderia, por exemplo, facilitar a mudança de pessoas que precisam morar em um lar de idosos, a partir de "arranjos preparatórios", coordenados por profissionais envolvidos(as) (MILLER, 2013).

"sob os auspícios da antropologia e usando as metodologias dessa disciplina", incluindo, em alguns casos, investigações de doutorado orientadas pelo autor.

Luto e perda são temas substanciais também para Stallybrass (2008) em "A vida social das coisas: roupas, memória, dor"[5] e, em argumento similar à Miller (2013), para o autor "memórias e relações sociais são literalmente corporificadas" (STALLYBRASS, 2008, p. 15). Stallybrass recorda que as roupas usadas recebem a marca humana, e quando as pessoas que amamos morrem, suas roupas "ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos" (Stallybrass, 2008, p. 10). É a partir de excertos da literatura que Stallybrass sustenta este argumento. No poema "Resíduo" de Laurence Lerner, por exemplo, deparamo-nos com a história de um pai que tenta se desfazer das roupas da esposa falecida, mas fracassa. As peças de tecido insistem em recriar sua ausência, a morte e a solidão. São experiências e memórias "corporificadas", para usar a expressão de Stallybrass (2008), na contínua e, muitas vezes, dolorosa negociação entre guardar, perder ou jogar fora.

Stallybrass (2008) nos conta sobre a sua própria experiência de roupa, memória e dor, a partir da jaqueta de Allon, um amigo falecido. A jaqueta, recebida após a morte de Allon, expressa a corporificação da sua ausência, impregnada por odores, puimentos e marcas de uso. "Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia." (STALLYBRASS, 2008, p. 10). Para o autor, foi preciso vestir a jaqueta de Allon para finalmente chorar a perda do amigo, o que até então, sentia-se incapaz de fazer. Para lembrar Allon, Stallybrass (2008) conclui que foi preciso fazê-lo pelos hábitos que o habitam e o vestem, e não apenas como uma ideia. Em mais um relato pessoal, Stallybrass (2008, p. 36) reflete sobre a inquietação de seus pais idosos sobre o que ocorreria com os móveis e as peças que tanto adoram depois da morte:

> Quem vai ficar com a escrivaninha da mãe de minha mãe? Quem é que vai cuidar dela? Quem ficará com o retrato de meu pai tocando o toca-discos com seu irmão? No princípio, eu achava essas questões enfadonhas. Para um bom pós-cartesiano, tudo parecia grosseiramente material. Mas, naturalmente, eu estava errado e eles estavam certos. Pois a questão

5 "A vida social das coisas: roupas, memória, dor" é um ensaio de Peter Stallybrass, publicado no livro "O casaco de Marx – roupas, memória, dor". O ensaio articula a narração autobiográfica do autor sobre uma experiência de luto, uma revisão teórica e histórica sobre a temática e trechos literários (de Nina Payne, Vladimir Nabokov, Laurence Lerner, Carolyn Steedman, Jean Rhys, dentre outros). Para sustentar seu argumento – de que as roupas corporificam memórias – Stallybrass (2008) analisa fragmentos de poemas, romances, filmes, peças de teatro, testamentos, documentos sobre a penhora de artefatos, dentre outros documentos.

> é: quem lembrará minha avó? Quem lhe dará um lugar? Que espaço, e quem, meu pai habitará? (STALLYBRASS, 2008, p. 36)

Avaliar o despojamento dos artefatos é um modo de refletir sobre memória e ausência, mas também sobre relações de poder e posse. Sandra Rubia Silva (2012)[6], que em sua investigação de doutorado trata o telefone celular como tecnologia afetiva mediadora de emoções entre agentes sociais, conta a experiência de Lila que, ao desaprovar o uso que a filha fazia do telefone celular, martelou o aparelho, deixando-o em pedaços. O curioso é que Lila guarda o telefone martelado, o que faz com que eventualmente lembre do episódio e sinta-se mal por isso. Há neste exemplo uma relação ambígua, entre descarte e posse. O aparelho quebrado já não funciona mais, foi descartado em certa medida e de modo bastante específico, mas, ainda existe disposição em guardá-lo, apesar dos sentimentos e lembranças associadas ao artefato. Esta história revela o quão imprevisível pode ser o desvio de função de um artefato.

De modo semelhante, a senhora Esther[7], que participa como entrevistada do documentário "Edifício Master" (2002)[8], de Eduardo Coutinho, guarda um artefato que odeia: uma sacola de tecido xadrez cheia de folhas de papel no formato de cédulas de dinheiro. O inusitado objeto foi resultado

6 "Estar no tempo. Estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular (2010)" é uma pesquisa etnográfica, apoiada em procedimentos como diários de campo, notas de campo e entrevistas, resultado da investigação de doutorado de Sandra Rubia Silva. Silva (2010) qualifica sua pesquisa como uma etnografia do consumo de tecnologia em camadas populares da cidade de Florianópolis, mais especificamente, do Morro São Jorge. Lila faz parte da rede de interlocutores e interlocutoras da sua investigação.

7 Esther é uma das personagens do *filme Edifício Master*, de Eduardo Coutinho (1933, São Paulo, SP – 2014, Rio de Janeiro, RJ). *Edifício Master* é um documentário de entrevistas com moradoras e moradores do *Master*, um prédio de classe média com 276 apartamentos e 12 andares localizado em Copacabana, no Rio de Janeiro. Coutinho adotou como estratégia central para muitos de seus documentários a realização de entrevistas e a incorporação de pessoas relacionadas ao universo do filme à equipe de produção (LINS, 2005). Coutinho não elaborava roteiros, mas estabelecia procedimentos de filmagem, que chamava de "dispositivos" (LINS, 2005). Em *Edifício Master,* por exemplo, alguns desses procedimentos são a delimitação do espaço e do tempo de filmagem. Um apartamento também foi alugado para servir de base à realização do filme (LINS, 2005), com pesquisas prévias sobre o prédio e possíveis personagens para o filme. *Edifício Master* retrata pessoas comuns, que narram fragmentos da própria história, evocando temas como a solidão, os conflitos nas relações humanas e o cotidiano em uma grande cidade brasileira.

8 EDIFÍCIO MASTER. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, Brasil: VideoFilmes, 2002. (110 min.)

de um assalto, no qual Esther foi levada a sacar todo dinheiro que tinha no banco. No final do acontecimento, traumático para Esther, ela recebeu a sacola de pano como suposta devolução do roubo. Foi um modo do assaltante ganhar tempo e despistar Esther. No entanto, Esther guarda a sacola, ainda que afirme enfaticamente: "eu tenho um nojo dessa sacola que eu não aguento!". O telefone quebrado de Lila e a falsa sacola de dinheiro de Esther parecem artefatos testemunhas, conferem materialidade para lembranças de momentos de tensão e violência. A motivação em guardá-los talvez resida no tempo necessário para elaborar os eventos associados a eles ou, ainda, na importância de lembrá-los ou na impossibilidade de assimilá-los. O término de um relacionamento também costuma deslocar artefatos associados a ele (MILLER, 2013). O "*Museum of Broken Relationships*", fundado em 2010 em Zagreb (Croácia), por exemplo, ocupa-se especialmente em receber e expor objetos de pessoas que não querem mais possuir artefatos vinculados a um relacionamento afetivo que acabou. No site do museu[9], com sede também em Los Angeles (Estados Unidos), há fotografias de objetos como: uma máquina de café expresso, um secador de cabelos, uma boneca de porcelana, um pacote de comprimidos para gastrite, um par de algemas de pelúcia e um coração de cerâmica. As fotografias do site estão acompanhadas de informações de origem e duração do relacionamento, além de um texto breve que, em geral, associa o objeto em questão a história do casal ou aos motivos do término.

Sobre o tema "fim de relacionamento", Miller (2013) também nos apresenta algumas experiências, como a de Lucy, que faz o possível para evitar as músicas que evocam um relacionamento do qual tenta se distanciar. A ambígua estratégia adotada por Lucy é escutar as canções repetidamente até sentir-se nauseada, conseguindo, por irritação e cansaço, enfim desviar- se da trilha sonora do relacionamento que acabou. O autor conta também o caso de um homem que encarou sua participação na pesquisa como uma oportunidade para se desfazer de e-mails e fotografias digitais de um relacionamento de cinco anos que terminou repentinamente. Documentos que, até então, não conseguia deletar. Há, nestes exemplos, sentimentos conflitantes, que expressam os obstáculos para se desvincular de determinados artefatos e, ao mesmo tempo, de certos relacionamentos. Descartá-los não é simples e há destinos peculiares como museus e pesquisas.

9 Disponível em: < https://brokenships.com/> Acesso em 12 dez. 2022. Um livro também foi publicado com parte do acervo do museu: VISTICA, Olinca. **The Museum of Broken Relationships**. Nova Iorque (EUA): Grand Central Publishing, 2017.

Em síntese, Miller (2013, p. 177) explica que "novos relacionamentos tendem a deslocar ou desalojar relações passadas". Assim, a objetificação do término é necessária e acontece, sobretudo, por práticas de despojamento. Descartar, nestas situações, constitui o fim de uma relação, além de abrir espaço para outras experiências, por mais incerto e desafiador que esse movimento pareça.

Alguns descartes têm a possibilidade de reescrever nossa própria biografia, com a função de reeditar a maneira como constituímos nossa vida materialmente. É o que acontece em mudanças de habitação, "as pessoas têm uma chance, por assim dizer, de elaborar e fazer reparos no modo como se representam e às suas histórias para si mesmas e para o mundo, de acordo com o modo como desejam se ver" (MILLER, 2013, p. 116), desfazendo-se de algumas coisas e mantendo outras. Este processo também ocorre, em menor escala, nas "faxinas" de final de ano, quando a mudança no calendário surge como uma oportunidade de revisão e de renovação material, propiciando o descarte de coisas que não condizem mais com as aspirações para o ano seguinte, além da aquisição de novos objetos, eventualmente impulsionada pelas comemorações natalinas.

Assim, a classificação, comparação e ordenação de coisas que temos compõe um sistema de informação, que sustenta e reproduz as relações sociais (SLATER, 2002). Práticas de acúmulo e despojamento são, frequentemente, caracterizadas pela superficialidade e pelo desperdício, no entanto, as experiências descritas acima mostram que tais práticas tem a possibilidade de apoiar perdas, corporificar memórias, atualizar biografias e relacionamentos e, inclusive, prolongar o uso de determinados artefatos.

4.Entre guardar e jogar fora, algumas considerações

Neste artigo argumento que práticas de despojamento constituem trajetórias e narrativas biográficas, numa economia dos relacionamentos e das memórias. O despojamento de alguns artefatos requer procedimentos mais sofisticados de descarte, como demonstram as experiências descritas na seção anterior. Entre o que se guarda ou se joga fora, estão histórias de vida constituídas na materialidade cotidiana. Como afirma Ecléa Bosi (1994, p. 442), "temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas".

Em acordo com Slater (2002), avalio que a cultura de consumo contemporânea oferece uma variedade de recursos, que podem ser usados pelos sujeitos de modo criativo, na parcial e contraditória emancipação da vida cotidiana. Algumas práticas de acúmulo e despojamento justamente expressam a potência e a imprevisibilidade das vinculações estabelecidas entre pessoas

e artefatos, tanto no momento de aquisição, quanto de separação, destacando a importância de considerarmos a dimensão da experiência e do uso.

Para designers, as investigações em torno da cultura material alertam para a necessidade de se considerar na concepção de artefatos e serviços, as práticas de uso, vinculadas ao cotidiano e às experiências vividas. Como argumentam Cresto e Queluz (2010), a função dos objetos não é um dado a priori, e a consideração do uso acrescenta uma dimensão social reveladora.

Apesar dos limites desta investigação, foi possível identificar como práticas de acúmulo e despojamento podem ser ambíguas e cercadas por procedimentos complexos, às vezes de caráter ritualístico. Estas práticas apresentam também fortes vinculações com experiências de perda, ruptura, separação, mudança, encontro e desencontro, constituindo processos indispensáveis de luto, relacionamento, memória e narração biográfica. Para acessar estas experiências, destaco o potencial das investigações de caráter antropológico e apoiadas em procedimentos da História Oral. Contudo, a breve revisão bibliográfica sobre cultura material realizada para este trabalho, aponta também para uma ampla possibilidade de uso de fontes, como ensaios autobiográficos, materiais históricos, filmes, peças de teatro, textos literários, artefatos museológicos, dentre tantos outros documentos que oferecem pistas sobre o uso de artefatos em momentos significativos da vida de uma pessoa.

Questiona Barbosa (2004, p. 54): "devemos, por uma defesa intransigente de uma perspectiva teórica, continuar ignorando o que as pessoas dizem a respeito de seus próprios hábitos, valores e concepções?". Entendo este artigo como uma resposta parcial à provocação da autora, ao evidenciar que, a articulação entre pressupostos teóricos e experiências de vida oferece pistas significativas sobre a dimensão material de narrativas biográficas.

Referências

APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a Política de Valor. IN: _____. **A Vida Social das Coisas.** As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo.** Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRESTO, Lindsay Jemima; Queluz, Marilda Lopes Pinheiro. **Nós e as Coisas:** como re-significamos os artefatos através do uso. IN: QUELUZ,

Marilda Lopes Pinheiro (org). Design & Consumo. Curitiba: Peregrina, 2010. pp. 115-140.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das Coisas: a mercantilização como processo. IN: APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDES, Mariuze Dunajski. Cultura Material: trajetórias sociais de artefatos em contextos materiais e culturais de produção, circulação e consumo. In: QUELUZ, M. L. P. **Design & Cultura Material**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012. pp. 15-34.

MILLER, Daniel**. Consumo como cultura material.** Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 13, n. 28, p. 33-63, Dec. 2007 .

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas.** Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material. São Paulo: Zahar, 2013. Edição digital.

MORIN, Violette. L'objet biographique. In: **Communications**, 13, 1969. Les objets. pp. 131-139. DOI : https://doi.org/10.3406/comm.1969.1189.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2018.

SILVA, Sandra Rubia. De afetos e de Memórias: o consumo do telefone celular como "tecnologia afetiva". IN: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rúbia; Souza, Angela Maria (orgs). **Consumo e Cultura Material.** Perspectivas Etnográficas. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012. (Coleção Antropologia em Laboratório). pp. 243-265.

Como referenciar

FRANÇA, Ana Claudia. Narrativas biográficas em práticas de despojamento da cultura material. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 14-30, jul./2023. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign.

DOI: https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023. 73223

A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 06/02/2023 | Aceito em 04/05/2023